

A pressão social nos jovens durante o início de carreira

 *Joana Vieira*

joanaoliveiravieira8@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-5408-6756>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

P. PORTO
ISCAP

Revista Técnica de
Tendências em
Comunicação
Empresarial

Resumo

A constante instabilidade socioeconómica que se faz sentir em muitos países, principalmente em Portugal, com taxas de desemprego crescentes principalmente na faixa etária mais jovem acresce e muito a pressão social que sucumbe os jovens no início de carreira e na entrada do setor profissional. Neste artigo, apresento uma análise sumária de () notícias publicadas pelos media em

Portugal, bem como de (...) artigos que foram sendo publicados ao longo do tempo, oferecendo uma visão abrangente da situação económica que os jovens Portugueses enfrentam na entrada no setor laboral. Colocando a minha opinião pessoal ao longo deste artigo de opinião, pretendo alertar para a importância da inclusão social desta faixa etária que será o futuro do povo português.

Palavras-chave: instabilidade socioeconómica, jovens, pressão social, carreira

Abstract

The permanent socio-economic instability that is experienced in many countries, especially in Portugal, with increasing unemployment rates, especially in the younger age group, increases the social pressure that young people succumb to when beginning their careers and joining the professional sector. In this article, I present a summary analysis of () news items published by the

media in Portugal, as well as () articles that have been published over time.

Offering a comprehensive view of the economic situation young portuguese encounter when entering the labor sector, throughout this article I express my view in order to alert to the importance of the social inclusion of this age group which will be the future of the portuguese people.

Keywords: socio-economic instability, young generation, social pressure, career

Introdução

A estabilidade do mercado de trabalho sofreu uma forte reviravolta no final dos anos 70, fruto de uma mudança inequívoca no mercado de trabalho. A partir do século XX, a precariedade do mercado profissional aumentou exponencialmente como resultado de uma crescente diminuição na oferta de emprego que varia inversamente ao crescimento imensurável de pessoas com mais habilitações académicas. O acesso dos jovens ao emprego e as condições de trabalho dependem atualmente das necessidades e expectativas das empresas (Alves 2008).

Os jovens portugueses que tentam entrar no mercado de trabalho correm um sério risco de terem um salário que vai decaindo ao longo do tempo. Análises realizadas às principais crises económicas e aos anos que lhes seguiram revelam que os jovens que procuram o seu primeiro emprego no auge da crise se deparam com "grandes efeitos iniciais nos rendimentos". Os estudantes que se licenciam em períodos de recessão económica estão prejudicados, na medida em que o escalão etário mais jovem (até aos 25 anos) é o que perde mais emprego.

Jovens e precariedade são quase como uma simbiose perfeita nos tempos que correm, porque é preciso lembrar o governo de apoiar uma nova geração para o futuro. Os jovens têm duas opções ou a de voltar para casa dos pais, ou a de dividir casa com também jovens trabalhadores ou estudantes. A existência de um mercado cada vez mais competitivo leva a que as entidades empregadoras recorram muitas vezes a vários tipos de contratação, chamado trabalho precário para fazerem face às necessidades

Com o passar dos anos, o mundo corporativo foi impactado com as evoluções tecnológicas e as mudanças sociais. Globalização, envelhecimento da população e até as mudanças climáticas estão fazendo com que algumas profissões que não existiam comecem a aparecer, enquanto outras vão sumir.

A eterna precariedade juvenil, a não valorização dos jovens e o trabalho não declarado é inadmissível nos dias de hoje.

O passado e a atualidade do mercado de trabalho aos olhos dos jovens

A estabilidade do mercado de trabalho, ainda que intermitentemente estável, sofreu uma forte reviravolta no final dos anos 70, fruto de uma forte mudança no mercado de trabalho (Alves 2008).

Se até então as condições deste mercado eram as necessárias para albergar toda a população – com ou sem qualificações profissionais – no final dos anos 70 até as posições profissionais hierarquicamente superiores vêem-se diminuídas, mesmo para os jovens com melhores habilitações académicas. Esta mudança incentivou a que os jovens procurassem um emprego, qualquer que fosse a posição profissional (Alves 2008).

A partir do século XX, a precariedade em todos os setores profissionais aumentou exponencialmente como resultado de uma crescente diminuição na oferta de emprego que varia inversamente ao crescimento imensurável de pessoas com mais e melhores habilitações. Inevitavelmente, o aumento das suas qualificações académicas e profissionais face a um setor socioeconómico instável, faz dos jovens as suas principais vítimas (Méda 1999:26).

Em linha com o proferido por Gonçalves (2012:14) , “os jovens são duplamente penalizados”, principalmente aqueles cujo vínculo laboral é precário, uma vez que serão os primeiros a ser despedidos numa situação de crise empresarial.

As barreiras dos jovens na entrada no setor profissional

Galland (citado em Alves 2008:19) caracteriza a juventude como “uma idade de espera, de dependência económica e de incerteza”. Facto justificado por inúmeras barreiras que estes jovens enfrentam numa nova fase da sua vida, tais como: o elevado índice de desemprego, a falta de experiência profissional, baixa remuneração e falta e oportunidades em determinados setores.

Assim o trabalho é um dos factores de integração assim como uma forma de aprendizagem da vida em sociedade contendo uma dimensão de sociabilidade.

Como refere Méda (1999: 26), “a ideia de laço social baseia-se na reciprocidade, de contrato social e de utilidade social: prestando a minha contribuição, desenvolvo o meu sentimento de pertença à sociedade, estou ligado a ela, porque preciso dela e porque lhe sou útil”.

De acordo com Alves (2008), para responder a esta problemática da “inserção profissional” cabe ao Estado implementar medidas de atuação através de políticas públicas, visando minimizar os obstáculos com que os jovens se deparam ao iniciarem o seu percurso no mercado de trabalho.

A melhoria das condições do emprego dos jovens tem benefícios fundamentais a nível individual (progressão laboral, pessoal e familiar, bem-estar, etc.) e para o país (benefícios sociais e económicos, presentes e futuros);

Como medida a implementar para apoiar os jovens trabalhadores foi criada uma fundação. A Fundação José Neves, em que o alto Patrocínio é Sua Excelência o Presidente da República. De acordo com a Fundação José Neves (FJN) “é a entidade promotora e coordenadora do pacto para os mais e melhores empregos para os jovens, que surge na sequência do Livro Branco”.

Como referido por Pais (citado em Guerreiro & Abrantes, 2007:21), “a inserção dos jovens na vida activa tende, pois, a passar de trajectos lineares (da escola para o trabalho) para “trajectórias yôyô”, alternando entre períodos de desemprego, emprego precário e formação”(Pais 1990).

O desemprego jovem no mundo atual em crise

Com o atual cenário de declínio económico e, devido a pandemia Covid-19, os jovens portugueses que tentam iniciar a carreira profissional no mercado de trabalho correm um enorme risco de terem um salário que se vai debilitando ao longo do tempo. A isto é chamado “efeito cicatriz” das inúmeras crises do mundo do mercado de trabalho, que estão comprovadas em estudos, e que estão documentadas.

Assim a pandemia trouxe um cenário instável para o mercado, afetando tanto as empresas quanto os colaboradores. Esta instabilidade pode ser vista como

oportunidades positivas de crescimento ou um facto negativo para o âmbito empresarial, tudo depende da resiliência de cada um.

Análises realizadas às principais crises económicas mundiais e aos anos que lhes seguiram, revelam que os jovens que procuram o seu primeiro trabalho no pico de uma recessão económica deparam-se com “rendimentos iniciais com grandes defeitos”, assinala o economista da Universidade da Califórnia Till Von Wachter, num estudo que tem como finalidade fazer um resumo do conhecimento científico atual sobre esta matéria.

São vários os exemplos de crises em que o efeito cicatriz foi muito evidente e, em média, nos casos analisados pelo estudo do economista um aumento do desemprego numa recessão tem como resultado para quem se licenciou numa faculdade nessa altura um rendimento inicial 10% mais baixo. E pior do que isso, essa desvantagem desde o começo não é corrigida assim que a economia recupera: a perda relativa de rendimentos desses trabalhadores demora, em média, entre 10 e 15 anos a ser eliminada.

Nos diversos estudos já existentes, Pedro Martins, economista e um ex-secretário de Estado, concluiu que durante 25 anos, os salários de início de carreira no mercado de trabalho em Portugal eram de ,1.8% mais altos quando a taxa de desemprego era 1% mais baixa. Revelando assim o grande problema que é encontrar um primeiro emprego quando o desemprego é superior.

Os jovens continuam a ser um dos grupos mais vulneráveis do mercado de trabalho, com uma taxa de desemprego significativamente mais elevada que a da população em geral, sendo que essa vulnerabilidade se agrava em situações de crise económica.

Assim a faixa etária entre os 25 e 29 é a que apresenta maior taxas de desemprego, colocando assim Portugal num patamar superior, aos 27 países que são membros da União Europeia no que diz respeito ao assunto “desemprego jovem”.

O acesso dos jovens ao emprego e as condições desse emprego dependem das necessidades e expectativas das empresas, os empregadores têm um papel crítico no emprego dos jovens e a capacidade de melhorar as condições de trabalho e as perspetivas de carreira.

Em suma, os estudantes que se licenciam em períodos de recessão económica, estão de certa forma prejudicados, na medida em que - e olhando também para os números do inquérito de emprego publicados pelo Instituto Nacional de Estatística - o escalão etário mais jovem (até aos 25 anos) é o que perde mais empregos, sugerindo que as portas do mercado de trabalho se fecham com a crise acabando por se refletir nos baixos salários oferecidos por estas empresas (Alvarez, 2023).

Qual será o papel dos jovens num futuro onde o mercado de trabalho permanece precário?

Jovens e precariedade são quase como uma simbiose perfeita nos tempos que correm, isto porque é preciso relembrar ao governo que ao apoiarem uma nova geração estão a prepará-la para o futuro e consequentemente esta pode vir a ser uma geração de contributo para o rejuvenescimento da sociedade e acima de tudo da economia (Patrício, I. 2022; RTPNotícias 2023).

O quão medíocre é ter uma geração de jovens trabalhadores precários? Até podem ter empregos estáveis e estarem bem economicamente, mas e a parte da autonomia? Viver

de forma autónoma significa que se tem a total autonomia sobre o que se faz e com os rendimentos que se tem, o que num país onde grande parte dos rendimentos é deixada em impostos e onde os rendimentos não aumentam de forma proporcional à crescente inflação, a autonomia é um conceito meramente ilusório (Patrício, I. 2022).

As políticas de salários mínimos que Portugal veio a adotar nos últimos tempos e que porventura destruiu a classe média, e a angustiante subida do custo de vida, obrigaram os jovens a terem duas opções. A primeira de voltar para casa dos pais, e a segunda de dividir casa com jovens trabalhadores ou estudantes. Sendo que, segundo estudos feitos para países da União Europeia, os jovens portugueses são os que saem mais tarde de casa dos pais, mesmo depois de entrarem no mercado de trabalho (Patrício, I. 2022).

A verdade é que, apesar de os jovens terem cada vez mais habilitações, o mercado de trabalho não acompanha, de todo, esta tendência. Segundo o livro Branco “Mais e Melhores Empregos para os Jovens” quem tem mais habilitações tem um salário maior, porém 30% dos jovens portugueses têm qualificações elevadas para o tipo de profissão que exercem e consequentemente para a remuneração que recebem (Patrício, I. 2022; RTP Notícias 2023).

A existência de um mercado cada vez mais competitivo, leva a que as entidades empregadoras recorram muitas vezes a vários tipos de contratação, a que chamamos de trabalho precário ou trabalho não convencional para fazerem face às necessidades conjunturais de mão-de-obra. Segundo a ministra Ana Mendes Godinho, 62% dos contratos que os jovens assinaram não são permanentes e, por conseguinte, os salários desses contratos são 40% a baixo dos contratos permanentes (Patrício, I. 2022).

Na transição para o mercado de trabalho, além das competências profissionais, importa desenvolver competências pessoais e sociais, tais como a capacidade de comunicação, a inserção dos jovens no mercado de trabalho: o caso dos jovens com o ensino secundário organização e gestão do tempo, trabalho em equipa, gestão de conflitos e de stress, entre outras, perspectivadas como essenciais em contextos altamente competitivos (Seco et al., 2009). A eterna precariedade juvenil, a não valorização dos jovens e o trabalho não declarado é inadmissível nos dias de hoje.

Conclusão

Em suma ao longo do trabalho foi possível verificar a dificuldade e a pressão que quer os jovens quer a sociedade incute para o encontro do primeiro trabalho.

Ao longo do artigo debateu-se o tópico da crise e as consequências que a mesma traz para os jovens que estão à procura do primeiro emprego, as inflações e os impostos que futuramente não terão retorno. As elevadas taxas de desemprego nacional, principalmente nas faixas etárias mais jovens, onde análises realizadas concluíram que que procuram o seu primeiro emprego no auge da crise se deparam com “grandes efeitos iniciais nos rendimentos”.

Como é referido supra verificar o desemprego juvenil de Portugal é o mais alto da União Europeia e que foi agravado após a pandemia Covid-19 e, consequentemente fazer com que os jovens sejam duplamente penalizados, pois infelizmente o vínculo laboral é precário, muita das vezes não é valorizado e o salário é 40% mais baixo. Assim é gerando uma “concorrência” entre os jovens, na medida em que com um mercado mais competitivo estes, procuram sempre uma maior e melhor habitação académica, para consequentemente um salário melhor.

Concluo assim com uma das frases que me marcou neste artigo e que acho que faz todo o sentido nos tempos em que vivemos.

A eterna precariedade juvenil, a não valorização dos jovens e o trabalho não declarado é inadmissível nos dias de hoje.

Referências e Fontes

- Alvarez, S. (2020, Dezembro). *Geração Z: jovens que não têm medo do trabalho*. Observador. <https://observador.pt/opiniaio/geracao-z-jovens-que-nao-tem-medo-do-trabalho/>
- Alves, N. (2008). *Juventudes e Inserção profissional*. Lisboa: Educa /UI&DCE. Fundação José Neves (2023). <https://www.joseneves.org/pacto>
- Gonçalves, C. (2013). *Jovens e desemprego: algumas notas*. In Brandão, A. M. & Marques, A. P. (org), *Jovens, trabalho e cidadania: Que sentidos?* pp. 8-19. Braga: Universidade do Minho.
- Guerreiro, M. D, Abrantes, P. & Pereira, I. (2007). *Transições na juventude: percursos e descontinuidades*, Lisboa, Celta editora, pp. 239-262.
- Lopes, M. J. (2022, Dezembro). *Pelo Meio, perderam-se os jovens*. Observador. <https://observador.pt/opiniaio/pelo-meio-perderam-se-os-jovens/>
- Martins, R. (2023, Janeiro). *PRR português falha no apoio à entrada dos jovens nno mercado de trabalho*. Público <https://www.publico.pt/2023/01/08/economia/noticia/prr-portugues-falha-apoio-entrada-jovens-mercado-trabalho-2034147>
- Méda, D. (1999). *O Trabalho – Um Valor em Vias de Extinção*, Lisboa: Fim de SéculoEdições.
- ROCHA, Sonia. *A inserção dos jovens no mercado de trabalho*. Cad. CRH, v. 21, n. 54, Salvador, Set./Dez. 2008.
- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300009>.
- Pais, M. (1990a). *A Construção Sociológica da Juventude – Alguns contributos*. *Análise social*, 105-106, pp.139-165.
- Patrício I. (2022, julho). *“62% dos jovens têm contratos precários, muito acima da média europeia”*. *O Jonal Económico*. <https://jornaleconomico.pt/noticias/62-dos-jovens-tem-contratos-precarios-muito-acima-da-media-europeia-diz-ministra-914265>
- RTPNotícias. (2023, Fevereiro). *Emprego de jovens portugueses continua precário*. https://www.rtp.pt/noticias/economia/emprego-de-jovens-portugueses-continua-a-ser-precario_a1451664
- Seco, G., Filipe, L., Pereira, P. & Alves, S. (2009). *Transição para o mercado de trabalho: Competências Pessoais e Sociais*. Braga: Universidade do Minho.
- <https://observador.pt/2022/10/10/portugal-e-dos-paises-da-ue-com-mais-desemprego-jovem-aponta-estudo>.

